

O SAQUE DE ROMA PELOS VISIGODOS: VISÕES TARDO-ANTIGAS.

Fabiano de Souza Coelho⁴

Luís Eduardo Formentini⁵

Artigo recebido em: 08/04/2016.

Artigo aceito em: 25/04/2016.

Resumo:

O saque de Roma pelos visigodos, ocorrido em 410 d. C constitui evento de importância no processo de desagregação do Império do Ocidente. Sua importância reside em grande parte no simbolismo implicado na “queda da senhora das nações”. Tal acontecimento foi apropriado pelos godos, tornando-se parte de sua identidade histórica. No presente trabalho analisaremos as visões sobre a tomada da cidade na obra de dois escritores tardo-antigos relacionados com os godos. O primeiro é Jordanes, godo de origem, escrevendo da Constantinopla do século VI. O segundo é Isidoro, bispo de Sevilha em princípios do século VII, principal nome do episcopado do Reino Visigótico.

Palavras-chave: Roma – Saque – Visigodos.

⁴ Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do LHIA/UFRJ, lattes: buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4564261E7 e orientado pelo professor Dr. André Leonardo Chevitarese.

⁵ Doutorando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo, lattes: buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4268687Z6.

Abstract:

The sack of Rome by the Visigoths, in 410 AD constitutes an important event in the process of disintegration of the Western Roman Empire. Its importance greatly resides in the symbolism implied in the "fall of the Mistress of the Nations". This event was appropriated by the Goths, becoming part of their historical identity. In this work, we will analyse the visions about the taking of the city, in the works of two Late Antiquity writers related to the Goths. The first is Jordanes, of gothic origin, that wrote in the sixth-century Constantinople. The second is Isidore, bishop of Seville, the main name of Visigothic Kingdom episcopate.

Keywords: Rome – Sack – Visigoths.

* * *

A batalha de Adrianópolis é considerada um marco na história do Baixo Império, pois ela teria marcado o “triunfo da cavalaria sobre a infantaria”, sendo um precedente para a importância adquirida pelo guerreiro montado durante a Idade Média. Além disso, a vitória dos visigodos teria aberto o caminho para as “grandes invasões” que “destruíram” o Império Romano. Desta forma, com base nessas ideias, Jacques Le Goff (1999, p. 22) a definiu como o “trovão que antecede a tempestade”.

Todavia, os desdobramentos de Adrianópolis não foram nem tão catastróficos para o Império, nem tão gloriosos para os godos. O novo imperador do Oriente, Teodósio, ratificou o acordo do *foedus* com os visigodos, concedendo o título de *magister militum*, ou seja, de general do exército romano, para Alarico, chefe dos

visigodos.⁶ A atitude de Teodósio é típica do trato das autoridades imperiais para com os povos germânicos e seus líderes: convencê-los a servir ao Império e integrá-los às tropas imperiais. Ao menos da parte de Alarico, essa também era a intenção dos godos (POHL, 1998, p. 21).

Nos anos seguintes à batalha, os visigodos perambularam pela região dos Balcãs, mas resolveram atacar a Itália em inícios do século V d.C., saqueando a própria cidade de Roma em 410.⁷ Tal ataque é considerado o grande símbolo das invasões bárbaras, pois embora a Cidade Eterna não mais fosse a capital do Império, sua importância simbólica era muito grande: era um ataque ao próprio Império.⁸ O acontecimento foi causa de pesar para os habitantes do *orbis romanorum*, sendo interpretado como um sinal do fim do mundo (GUERRAS; CRUZ, 1995, p.123).

Para sociedade da época, em 24 de agosto de 410, produziu-se o impensável: com seus godos, Alarico entrou na cidade de Roma pela porta Salária, ao som das trombetas e dos cantos de guerra. Seus cavalos podiam matar sua sede de chafarizes de mármore da cidade. O saque durou três dias e três noites. Inviolada desde uma longínqua invasão gaulesa, a rainha do mundo havia sucumbido. Somente as basílicas dos apóstolos Pedro e Paulo foram poupadas, servindo de asilo para multidão. Mulheres, moças e religiosas foram violentadas. Ilustres palácios foram sistematicamente devastados. O *cibório* de prata do altar-mor de Latrão, doação de Constantino, foi levado (HAMMAN, 1989, p. 271).

Destarte, o mundo mediterrâneo ficou aterrorizado quando a cidade de Roma foi saqueada pelos visigodos. Não obstante, para a própria Roma, tal acontecimento foi um simples incidente, pois ocorreram pilhagem, incêndios, estupros e homicídios.

⁶ O *magister militum* era um título honorífico romano que concedia a chefia de tropas imperiais. O título também era concedido aos líderes dos povos *foederati*, incluindo o próprio Alarico.

⁷ Todas as datas deste trabalho são d.C., salvo quando expresso em contrário.

⁸ Desde fins do século III, os imperadores preferiam residir em cidades mais próximas ao *limes*, de onde poderiam partir mais prontamente para debelar invasões. Entre tais cidades destacam-se Nicomédia e a própria Constantinopla, no Oriente; e Tréveris, Mediolanum e Ravena, no Ocidente.

As residências aristocráticas e edifícios monumentais foram saqueados, incendiados, semidestruídos, entretanto tudo pode ser reparado (SANFILIPPO, 2006, p. 431).

O saque de Roma em 410 foi um ataque rápido e ousado sem grandes consequências estratégicas, todavia com desdobramentos espirituais e psicológicos que chegaram ao imaginário de todo Império Romano. Assim, as notícias do acontecimento em 410 chegaram rapidamente ao conhecimento de cristãos influentes daquela época, como por exemplo: Jerônimo, em Belém da Judeia, Paulo Orósio, na Hispânia e o bispo Agostinho, no norte da África (GUERRAS; CRUZ, 1995, p. 123).

O saque de 410 foi uma das séries de invasões bárbaras comandadas por Alarico e essas tiveram seu significado. Tais invasões não foram movimentos contínuos e destruidores, mas sim campanhas organizadas para a conquista, ou, antes, uma espécie de “corrida do ouro”, usando uma expressão cara a Peter Brown (1972, p.122), de emigrantes do Norte da Europa em direção às terras ricas do Mediterrâneo. Os visigodos atravessam a fronteira do Danúbio em 376 e caminharam sobre a Itália, em 402, comandados por Alarico, seu chefe. Quando Alarico vai dos Balcãs para o Ocidente, enfrentou uma sociedade sem fronteiras sem habilidade. Os senadores veem-se obrigados a pagar os impostos ou a fornecer soldados para o exército romano.

Desta maneira, quando, em 408, foram convidados a pagar a diplomacia baseada nos subsídios a Alarico, a fim de esconder sua fraqueza militar, o Senado rejeitou a proposta, por lhe parecer que cheirava o apaziguamento dos desprezados bárbaros. Um clamoroso excesso de patriotismo e a recusa de negociar com os bárbaros levam ao saque de Roma por Alarico, em 410 (BROWN, 1972, p. 130).

A recusa do Imperador Honório às novas reivindicações feita por Alarico ao Império Romano no ano 410 levou ao conhecido saque de Roma – essas novas exigências incluíam: mais armas para o exército visigodo, nomeação de Alarico como

magister militum e estabelecimento ou assentamento dos visigodos na província da Nórlica (GUERRAS, 1991, p. 47).⁹

Além disso, existia um significativo sentimento de declínio nas obras de autores romanos do século I e II. Esses escritores tiveram a percepção de um declínio inevitável de Roma. Os relevantes historiadores de Roma, Salústio, Tito Lívio, Tácito, no período do Principado já haviam lançado sobre o seu tempo o mesmo olhar melancólico, expressavam a mesma tristeza diante do declínio iniciado. A reação é idêntica, ainda mais geral e mais profunda, no momento da tomada e do saque de Roma pelos visigodos de Alarico em 410 (MARROU, 1979, p. 104-105). Esse “colapso da cidade de Roma foi para alguns, o final da civilização romana” (DOUGHERTY, 2001, p. 200).

Da mesma forma, de acordo com a lógica virgiliana existente naquela sociedade, a cidade de Roma não poderia ser destruída ou aniquilada, pois a mais alta divindade havia prometido a Roma o poder sem limite de tempo ou espaço. Aqueles que viam o saque de 410 somente nesta lógica acreditavam que Roma estava se desfalecendo e não poderiam ter outra perspectiva senão a do caos (STARNES, 1995, p. 274).

De fato, “o cerne da vida política romana, desde a República até o final do Império, era a ideia da sacralidade da fundação da cidade de Roma” (PINHEIRO, 2010, p. 101). Portanto, existia uma mística em torno da *Urbs*, pois essa era, no imaginário dos romanos, uma cidade livre, capital simbólica do Império Romano e senhora do mundo. Esta cidade se transformou de uma pequena aldeia do Lácio, em grande dominadora do orbe daquele tempo, acumulou glórias e expandiu-se, ainda que houvesse passado por crises (GUERRAS; CRUZ, 1995, p. 123).¹⁰

⁹ A Nórlica era uma província do Império Romano, situada no *limes* danubiano, cujo território compreende, em linhas gerais, as atuais Áustria e Eslovênia.

¹⁰ O Império Romano teve suas particularidades e entendemos que esse Estado formou, durante vários séculos, uma unidade política de grande complexidade. Apesar das profundas alterações que conheceu ao longo de sua existência, nunca chegou a se constituir no que hoje entendemos por

Ademais, com a cristianização do Império, os cristãos romanos haviam passado a acreditar que os apóstolos Pedro e Paulo foram martirizados em Roma, segundo a tradição. Conseqüentemente, o saque de Roma representou a fragilidade daquela que era simbolicamente a cidade mãe do Império Romano – talismã dos deuses antigos e então terra sagrada dos cristãos (BROWN, 2005, p. 358-359).

Desta maneira, o saque de Roma em 410 foi um acontecimento de profunda importância histórica, entretanto não foi nem a primeira e nem a última das ameaças que assolou a cidade de Roma. No ano de 455, a cidade de Roma foi saqueada pelos vândalos e o último dos Imperadores do Ocidente, Rômulo Augusto, foi deposto por Odoacro no ano 476 (DOUGHERTY, 2001, p. 200-201).¹¹

Na época do saque de Roma, intensificou-se o fenômeno natural de dispersão e emigração da população. Ondas de pessoas, levando o que podiam, saíram do perigo da morte, fugindo e refugiando-se cada uma onde pode: umas se dirigiram até ao sul da Península Itálica, outras atravessavam o mar e se instalavam na Sicília ou na Sardenha, e muitas buscaram cidades africanas (CAPÁNAGA, 1988, p. 8).

A chegada dos refugiados que fugiam de Roma e da Itália para procurar segurança além-mar, em Cartago e nas cidades portuárias, provou aos africanos os

Estado nacional. Deste modo, conseqüentemente, o Império Romano não deve ser compreendido nos moldes do Estado Moderno clássico, principalmente no que diz respeito à relação entre Estado e sociedade. O Império Romano “foi o resultado de um lento processo de conquista militar e centralização política, primeiro da cidade de Roma sobre a Itália, depois da própria península sobre as demais regiões que margeiam o Mediterrâneo” (GUARINELLO, 2006, p. 13-14). O Império Romano foi o Império da cidade (*civitas*), tendo essa um papel pertinente para o processo de expansão e ratificação da estrutura política, social, cultural e religiosa romana. A cidade “tornava-se então a construção material e simbólica do lugar pelo Império Romano, possibilitando assim pensar, observar e dar inteligibilidade às coisas” (BUSTAMANTE, 1999, p. 330). O Império Romano era, portanto, “um Império de cidades e, ao mesmo tempo, o Império de uma cidade” (GUARINELLO, 2006, p. 15). A cidade foi “a célula-base do sistema imperial romano tanto no plano político quanto no econômico, social, cultural e religioso, atuando como centro de romanidade” (BUSTAMANTE, 2006, p. 113).

¹¹ Essa data indica normalmente o fim do Império Romano do Ocidente, contudo, existe uma profunda discussão historiográfica em torno desse período de transição do mundo Antigo para o Medieval. Temos os relevantes trabalhos de Peter Brown (1972), H.I. Marrou (1979), J.-M. Carrié (1999), Silva e Mendes (2006), Friguetto (2006) que discutiram numa perspectiva historiográfica esse período.

acontecimentos recentes e a vitória de Alarico. Em lugar de informações desencontradas, eles viam desembarcar homens e mulheres que traziam na fisionomia os reflexos do desastre. Eram patrícios, famílias senatoriais – os únicos que podiam fugir, ou seja, nobres cheios de bens, mas reduzidos à mendicância; eram viajantes sem bagagem, levando consigo apenas as joias, o ouro e a prata que puderam transportar. Por certo tempo, o infortúnio havia nivelado às diferenças sociais em um êxodo sem glória e num destino compartilhado. As notícias e impressões se espalhavam de porto em porto, de cidade em cidade. Com seu senso inato de hospitalidade, a África acolhia os refugiados vindos de Roma, que descreviam para os africanos as cenas de pilhagem, de violação e barbárie (HAMMAN, 1989, p. 273).

Porém, é interessante lembrarmos que o ataque visigodo não foi o de um povo bárbaro, totalmente estranho ao mundo romano, pois os visigodos já estavam há mais de três décadas habitando em solo romano, sendo soldados a serviço do Império. Desse modo, julgamos melhor definir o saque de Roma como empreendido por uma tropa do exército romano que considerava insatisfatório o tratamento dado a eles pelas autoridades imperiais. Baseamos nossa interpretação na afirmativa de Walter Pohl (1998, p. 18), que conclui que muitas das chamadas “invasões” podem ser tidas como revoltas de povos já integrados ao mundo romano, devido à sua condição de *foederati*, como era o caso dos visigodos.¹²

Desse modo, não consideramos procedentes afirmações como as de Gibbon (2005, p. 529) e de Mitre Fernandez (1968, p.75) que viam no acontecimento uma manifestação da fúria e selvagerias “tipicamente” bárbaras contra o Império Romano.

Posto isso, é interessante notarmos a visão de Jordanes e Isidoro sobre o acontecimento. Na *Getica*, o primeiro autor argumenta que a invasão da Itália pelos

¹² Pelo acordo do *foedus*, os germanos eram estabelecidos em uma região determinada e detinham amplos privilégios fiscais e fundiários, tornando-se *foederati* ou “federados”. Em compensação, ficavam encarregados da defesa do lugar e deviam obediência às ordens imperiais.

godos foi tão somente motivada pelo desejo destes em se tornarem um só povo com os romanos: ¹³

Quando o exército dos visigodos chegou às vizinhanças desta cidade [Ravena], foi enviada uma embaixada ao imperador Honório, que lá residia. Argumentaram que se ele permitisse que os godos se estabelecessem em paz na Itália, viveriam com o povo romano de tal maneira que os homens acreditariam que ambos seriam um só povo. (JORDANES, *Getica*, c.30, tradução nossa). ¹⁴

Caso as autoridades imperiais se recusassem, Alarico propõe a guerra, para que o povo mais poderoso prevaleça e expulse os vencidos. Ainda de acordo com Jordanes, o imperador Honório propõe que os visigodos ocupem as províncias da Gália e da Hispânia, acordo aceito por Alarico. ¹⁵ No trecho acima apresentado, consideramos interessante destacarmos a proposta dos embaixadores godos, na qual romanos e godos poderiam viver juntos como “um só povo”.

Para Jordanes era muito conveniente inserir tais palavras na boca dos embaixadores, pois uma das intenções deste autor em escrever a *Getica* é celebrar a incorporação dos godos ao Império (GOFFART, 2009, p. 83). ¹⁶

Assim sendo, Jordanes em diversas passagens enfatiza a suposta “predestinação” dos godos em juntarem-se aos romanos. No entanto, como aponta Goffart (2009, p. 83), tal união é ameaçada por pessoas más intencionadas, que provocam conflitos entre godos e romanos que seriam totalmente desnecessários.

¹³ Jordanes, que reivindicava ascendência gótica, era possivelmente um clérigo (talvez um monge) na Constantinopla de Justiniano. Entre suas obras destaca-se a *Getica*, onde se propõe a narrar a origem e os feitos dos godos.

¹⁴ When the army of the Visigoths had come into the neighborhood of this city [Ravenna], they sent an embassy to the emperor Honorius, who dwelt within. They said that if he would permit the Goths to settle peaceably in Italy, they would so live with the Roman people that men might believe them both to be of one race.

¹⁵ Após o saque de Roma e a tentativa infrutífera de alcançar a província da África, os visigodos são estabelecidos pelas autoridades romanas no sudoeste gaulês.

¹⁶ A *Getica* foi escrita logo após a conquista do Reino Ostrogodo pelas tropas de Justiniano.

Exemplos de tais pessoas na *Getica* são os imperadores, Valente e Honório, além do próprio Estilício.¹⁷

Voltando à narrativa de Jordanes sobre o saque de Roma, Estilício, *magister militum* de origem germânica, ataca traiçoeiramente os visigodos enquanto estes se retiravam da Itália, provocando a imediata retaliação por parte destes, devastando a Ligúria e a Emília, chegando até Roma e saqueando a cidade. Apesar da invasão Alarico não teria permitido que a Cidade Eterna sofresse muitos danos: “[...] quando finalmente entraram na cidade, por ordem expressa de Alarico, somente a saquearem, não a incendiando e nem permitindo que fossem feitos sérios estragos aos locais sagrados [...]” (JORDANES, *Getica*, c. 30, tradução nossa).¹⁸

Percebe-se, então, que há uma tentativa da parte de Jordanes de minimizar o quanto fosse possível a responsabilidade dos visigodos pelo saque de Roma. Tal ação foi uma resposta, uma legítima defesa contra a intransigência de Estilício e a dubiedade da corte imperial.

Para Isidoro de Sevilha,¹⁹ em sua *História dos Godos (Historia Gothorum)*, (c.15), o saque de Roma era o sinal de que os godos são legítimos sucessores dos romanos no governo da Hispânia, além de ocuparem um lugar especial entre os povos, pois fizeram da “cidade vencedora de todos os povos” sua “presa”.

Com diversas semelhanças ao relato de Jordanes, o bispo de Sevilha suaviza a responsabilidade gótica pelo saque, alegando que o ataque foi motivado pelo desejo de Alarico em vingar os godos mortos em combates anteriores contra os romanos. Além disso, as virtudes dos visigodos se manifestaram mesmo no calor do saque;

¹⁷ Flávio Estilício foi *magister militum* – “mestre dos soldados”, seria como um comandante militar – com Teodósio I e regente dos filhos desse Imperador Romano (CAMERON, 2001, p. 112).

¹⁸ When they finally entered Rome, by Alaric's express command they merely sacked it and did not set the city on fire, as wild peoples usually do, nor did they permit serious damage to be done to the holy places.

¹⁹ Bispo de Sevilha, e principal nome do episcopado do Reino Visigótico no século VII.

segundo Isidoro, Alarico ordenou que as igrejas da cidade fossem poupadas, assim como as pessoas que se refugiassem nelas.

É importante notarmos que Isidoro escreveu sua versão do saque de Roma cerca de dois séculos após o acontecimento. Nessa época, os visigodos já estavam firmemente estabelecidos na Península Ibérica, com um reino em um processo de centralização monárquica e a construção de uma identidade própria, na qual Isidoro tem importante papel. Além disso, os visigodos haviam se convertido ao catolicismo desde 589, e seus reis assumiram a função de protetores e defensores da fé católica (SILVA, 2008, p. 09). Desta feita, explica-se o porquê de, no relato isidoriano, os godos serem mostrados como possuidores de profundo respeito pelas Igrejas Católicas, ainda que na época do saque, fossem arianos.

Os visigodos possuem a *pietas* como uma de suas principais virtudes, manifestada mesmo quando ainda, nas palavras de Isidoro, professavam a “peste ariana”. A *pietas* era o sentimento de obrigação para com os membros da família e da comunidade. Mais tarde, por extensão, também passou a significar também o respeito devido aos deuses (PEREIRA, 2002, p. 340).²⁰

A partir do século IV, vemos o surgimento de um conceito cristão de *pietas*, agora vinculado ao respeito e obediência a Deus. Essa seria, para os autores cristãos, a verdadeira *pietas*, devida ao único Deus. Além de pouparem as igrejas, nutriam respeito profundo pelo nome de Deus e dos santos. Tal demonstração de *pietas* é, na visão de Isidoro, um sinal de que, embora tendo sido enganados a adotar o arianismo, eles conservavam a piedade, sendo legítimo que, quase dois séculos mais tarde, os reis visigodos levassem a Hispânia à unidade da fé católica.²¹

²⁰ Para os romanos antigos a *pietas* era uma relevante característica do *mos maiorum*, que engloba tanto as relações com os pais, amigos ou concidadãos quanto a atitude correta com os deuses – a *pietas* era considerada como uma justiça distributiva, regendo as obrigações dos homens com os deuses (BUSTAMANTE, 2006, p. 323).

²¹ O arianismo foi a doutrina religiosa criada pelo sacerdote cristão de Alexandria, Ário, fundador da escola teológica desta cidade. Formula, no contexto da filosofia de sua época, seu conceito sobre o Logos. Ário afirma a existência de um único Deus, o Pai, eterno, absoluto, imutável, incorruptível.

Posteriormente aos eventos de 410 e da tentativa frustrada de atravessarem o Mediterrâneo em direção à África, os visigodos renovam o seu *foedus* com as autoridades imperiais, sendo realocados na província da Aquitânia, no sudeste da Gália, estabelecendo sua capital na cidade de Toulouse. Assim, durante as primeiras décadas de existência do chamado Reino de Toulouse, os visigodos em teoria respeitavam o *foedus*, não desafiando abertamente a autoridade imperial (VALVERDE CASTRO, 2000, p. 156).

Por fim, se os godos expulsaram os vândalos para o Norte da África, submeteram os alanos e confinaram os suevos à Galícia, foi atendendo aos apelos do governo imperial de Ravena.²² No entanto, para todos os efeitos eram os senhores das regiões conquistadas, fato consolidado quando do desaparecimento do Império Ocidental, em 476.

Este Ser Supremo e Absoluto, não pode comunicar, segundo sua concepção, seu Ser, nem mesmo parcelas dele, nem por criação, nem por geração. Se Deus não é corpo, não pode ser composto, divisível. Assim, é impossível a Deus gerar um filho. Tudo que está fora dele, portanto, foi criado do nada. Tudo o que existe fora de Deus Absoluto, são meras criaturas. Para Ário se Jesus foi criado quer dizer que houve um tempo, um instante ao menos, em que não era, razão pela qual não pode ser co-eterno nem consubstancial e para ele, embora representando o sumo da humanidade, Jesus era somente criatura. Ou seja, a vertente ariana negava a divindade do “Deus Filho” dos cristãos católicos, Jesus Cristo, pois esse seria somente uma criatura de Deus e não um Deus (FRANGIOTTI, 1995, p. 86-87).

²² A Galícia (*Gallaecia*) era uma província romana no noroeste da Península Ibérica. Corresponde ao território da atual comunidade espanhola homônima, além do norte de Portugal.

Referências

BROWN, Peter. **Santo Agostinho**: uma biografia. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BROWN, Peter. **O Fim do Mundo Clássico**: de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Verbo, 1972.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas Culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma M. **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad/Edufes, 2006, p. 109-136.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Práticas Religiosas nas Cidades: Identidade e Alteridade. **Phoênix**, Rio de Janeiro, 5, p. 325-348, 1999.

BUSTAMANTE, Regina Maria da Cunha. Rituais de sacrifício: entre a *religio* e a *superstitio* – análise comparativa entre o discurso imperial e o imagético provincial do Baixo Império. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel. (Org). **As Identidades no tempo**: ensaios de gênero, etnia e religião. Vitória: EDUFES, 2006, p. 321-351.

CAMERON, Averil. **El Bajo Imperio romano (284-430 d.C.)**. Madrid: Encuentro, 2001.

CAPÁNAGA, Victorino. Introduccion. In: AGUSTÍN, San. **Obras completas de San Agustín**: La Ciudad de Dios (1º). v. 16. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988, p. 7-120.

CARRIÉ, Jean.-Michel. Introduction “Bas Empire” ou “Antiguidade Tardive”? In: CARRIÉ, Jean.-Michel; ROUSSELLE, Aline. **L’Empire Romain en mutation**: des Sévères à Constatin (192-337). Paris: Seuil, 1999, p. 9-25.

DOUGHERTY, Richard J. Caída de Roma. In: FITZGERALD, Allan (ed.). **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 200-202.

FRANGIOTTI, Roque. **História das Heresias (séculos I-VII)** – conflitos ideológicos dentro do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1995.

FRIGHETTO, Renan. Política e Poder na Antiguidade Tardia – uma abordagem possível. **História Revista**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 161-177, 2006.

GIBBON, Edward. **Declínio e Queda do Império Romano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GOFFART, Walter. The barbarians in Late Antiquity and how they were accommodated in the West. In: LITTLE, Lester K.; ROSENWEIN, Barbara H. **Debating the Middle Ages: issues and readings**. Oxford: Blackwell, 1998.

GOFFART, Walter. **The narrators of Barbarian History (A.D. 550-800)**: Jordanes, Gregory of Tours, Bede and Paul the Deacon. Notre Dame: University of Notre Dame, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Império Romano e nós. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (Org). **Repensando o Império Romano**. Rio de Janeiro: Mauad/Edufes, 2006, p. 13-19.

GUERRAS, Maria Sonsoles; CRUZ, Marcos Silva da. A busca de explicações do saque de Roma por Alarico em 410 d. C. **Dimensões**, Vitória, nº04, p.123-133, 1995.

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os povos bárbaros**. São Paulo: Ática, 1991.

HAMMAN, Adalbert G. **Santo Agostinho e seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 1989.

ISIDORO DE SEVILHA. **Las Historias de los godos, vándalos y suevos**. (De origine gothorum, historia vandolorum, historia sueborum). León: Centro de Estudios S. Isidoro, 1975.

JORDANES. **The origin and the deeds of the Goths**. Princeton: Princeton University, 1908.

LE GOFF, Jacques. **La civilización del Occidente medieval**. Barcelona: Paidós, 1999.

MARROU, Henri-Irénée. **Decadência Romana ou Antiguidade Tardia**. Lisboa: Áster, 1979.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. Lisboa: FCG, 2002.

PINHEIRO, R. A. B. Apontamentos sobre poder, autoridade e ascetismo: uma breve comparação entre Agostinho e João Cassiano. **Revista Crítica Histórica**, v. 01, p. 99- 126, 2010.

POHL, Walter. Conceptions of ethnicity in early medieval studies. In: LITTLE, Lester K.; ROSENWEIN, Barbara H. **Debating the Middle Ages: issues and readings**. Oxford: Blackwell, 1998, p. 10-50.

SANFILIPPO, Mario. Roma. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2006, p. 431-448.

SILVA, Leila Rodrigues da. Considerações acerca das relações de poder entre monarquia e episcopado no reino visigodo no século VII no epistolário de Bráulio de Saragoça. **Cartas Medievais: Bráulio de Saragoça (século. VII) e Gregório VII (século XI)**. Rio de Janeiro: PEM, 2008.

STARINES, Colin. El público de los primeiros diez libros de la *Ciudad de Dios* y la lógica de su argumento. **Augustinus**, Madrid, nº 40, p. 273-282, 1995.

VALVERDE CASTRO, Maria R. **Ideología, simbolismo y ejercicio del poder real en la monarquía visigoda: un proceso de cambio**. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2000.